

O CORPO NA DANÇA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Renata de Lima Silva

Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Corpo, preparação corporal, dança brasileira contemporânea.

Estudos como a Antropologia Teatral, Antropologia da Performance e Etnocologia, propõem uma abordagem interdisciplinar das práticas performativas (eventos etnográficos, rituais) e das artes performativas (teatro, dança, performance arte) de diversos grupos e comunidades. Autores como Richard Schechner, Victor Turner, Eugênio Barba e Jean Marie Pradier na etnocologia, inauguraram tais escolas de pensamento.

Mesmo sem a preocupação de situar o presente trabalho em algum desses territórios e, inevitavelmente, transitando por todos, sinto-me segura em olhar, da mesma perspectiva, o espetáculo (cena) e a manifestação popular (ritual). Obviamente, uma série de características podem diferenciar um evento do outro; no entanto, despertam-me a curiosidade os pontos de convergência.

Parece-me evidente que, da mesma forma que a cena não se resume a execuções meramente mecânicas de ações físicas, deslocamentos, pausas e sons, a roda de capoeira e os sambas de umbigada têm o seu sentido criado em uma esfera de significação tecida pelo corpo em um devir de realidades, tempos e espaços sobrepostos – a zona de turbulência¹.

Talvez seja mais apropriado dizer que a zona de turbulência está para cena como a encruzilhada está para estes rituais. Só que não necessariamente a zona de turbulência e a encruzilhada são territórios distintos. A encruzilhada traz a especificidade do espaço-tempo em que a ancestralidade bantu e/ou yorubá é portadora das identificações criadas nos corpos, e a partir dos corpos que subsidiam a rede de relações que existem em uma zona de turbulência. Desta forma, o corpo subjétil da zona de turbulência é, na encruzilhada, o corpo limiar.

O corpo subjétil, como propõe Renato Ferracini (2004), é um conceito gerador de um território poético, a partir do pressionamento do corpo cotidiano que, visto do ponto de vista foucaultiano, é tramado e constituído pela ação do poder que sobre determina o sujeito, *“pois o poder se exerce sobre cada indivíduo, do mesmo modo que é exercido sobre as massas e converte-*

¹ A “Zona de Tubulência” é discutida por Renato Ferracini em: **Café com Queijo – Corpos em Criação** (2004).

se num controle que nos fabrica”. O corpo subjétil representa uma linha de fuga desse lugar comum (corpo cotidiano), do mesmo modo que o corpo limiar também o faz, primeiramente, transbordando o corpo cotidiano em ações e estado que se propõem à criação de um território poético e, depois, à medida que, em *communitas*, se transgride ou anula as normas que regulam as relações estruturadas e institucionalizadas que operam no cotidiano. Essa transgressão, segundo Victor Turner (1974: 156) “é acompanhada de um poderio sem precedentes”.

É dessa perspectiva que, acredito, o estudo do corpo limiar na capoeira angola e em sambas de umbigada podem contribuir para a construção do corpo subjétil no âmbito da Dança Brasileira Contemporânea, um território de hibridação da cultura popular e cena contemporânea.

O corpo limiar da capoeira e dos sambas de umbigada, no devir presente-passado, atualiza identificações corporais herdadas de um processo histórico de fuga e dobra de poder, representada na manobra cultural que foi a instalação e permanência da cultura bantu na cultura popular brasileira

O mesmo no que diz respeito à capoeira que, como luta, representava diretamente uma ameaça ao regime escravocrata, sendo fortemente reprimida até 1930 quando, com advento da capoeira regional, começa a ganhar visibilidade como esporte brasileiro.

Na encruzilhada, a zona de turbulência não é uma esfera fantástica que paira sobre o evento, embora haja que se considerar que tais manifestações são envolvidas pela crença no universo “mágico”. No entanto, podemos compreendê-la como um campo de força gerada pela vetorização de energias individuais que se materializam, apesar de virtuais, viabilizadas não por um “treinamento” como acontece na cena mas, sim, pela ação da tradição.

A tradição, como um agenciamento de poder horizontal, em termos de experiência, é o que gera condições pessoais e coletivas de participar/criar a performance popular. A tradição, apesar de estar intimamente ligada a aspectos relacionados à territorialidade, é algo, em tempos de pós-modernidade e globalização, que se resgata, adapta e recria. O que provavelmente justifica, entre outros motivos, a presença de danças naturais do norte e nordeste do Brasil, bem como do interior de São Paulo na capital, sendo praticada de forma ritualística.

Sobre esse assunto, parecem-me relevantes as considerações de Hosbawn e Rangers (1983:

01) sobre o que chamam de “invenção da tradição”:

Tradições que parecem ou legam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas [...] Tradição inventada significa um conjunto de práticas [...], de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado.

Os sambas de roda e a capoeira angola não são, a princípio, uma tradição paulistana, mas foram traduzidas cosmopolitamente. No campo da discussão sobre a questão da identidade aparece a idéia de Tradução² como um conceito que descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, diz sobre a negociação de tradições com novas culturas.

Parece-me evidente que foi pela vertente da Tradução que, no período dos quilombos e senzalas, se constituiu a encruzilhada bem como, atualmente, é por essas vias que rituais baianos, maranhenses e do interior paulista se reconstituem na cidade de São Paulo, mediados, senão pela figura do mestre como é na capoeira, pelo contato direto ou indireto com a sabedoria dos “velhos”, como é de praxe na cultura bantu.

Na roda de capoeira dos Angoleiros Sim-Sinhô, em São Paulo, no bairro das Perdizes, é possível observar características de diferentes linhagens da capoeira (Mestre Gato, Mestre João Grande, Mestre Jogo de Dentro). A roda acontece toda semana impreterivelmente, independente de público. Não é um “*show*”, a roda acontece pela *capoeiragem*, pelo prazer e “dever” que capoeiristas encontram na *vadiação*. Mestre Plínio sempre faz questão de frisar que o espaço da capoeira não é uma empresa, é um terreiro! E que na roda estamos trabalhando. O que me remete à relação de culto à ancestralidade na cosmovisão bantu.

² Cf. Robins, L. “Tradition and translation: national culture in its global context”. In Corner, J. And Harvey, S. (orgs.), Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture, Londres: Routledge, 1991.

A roda começa às 19 horas, um angoleiro é responsável por armar os berimbaus, outro por incensar o espaço, outro por acender as velas e colocar flores no altar de entidades da mitologia nagô (orixás) e santos católicos. O ritual começa com um poderoso Iê do mestre mais velho presente na casa ou do próprio Mestre Plínio ou, na ausência destes, do aluno mais velho.

É em momentos como esses, nas encruzilhadas de rodas de capoeira, samba de roda, tambor de crioula e de jongo, que observo uma zona de turbulência se estabelecer, favorecida por elementos como: Envolvimento; Estrutura e Jogo.

O **envolvimento** diz respeito à maneira com que cada indivíduo se coloca e participa do evento (concentração, responsabilidade, papel, identificação, crença, respeito); a **estrutura** diz respeito aos códigos gerais e também à técnica e forma dos movimentos; e o **jogo**, que é a própria interação entre envolvimento e estrutura, diz respeito às relações (entre brincantes, brincante e movimento/voz, entre brincantes e música, brincante e elementos do ritual).

Vale frisar que o jogo, conceito importante no âmbito dessa discussão, deve ser compreendido como conceituada Roger Callois (1967), como uma ação ou uma atividade voluntária, realizada dentro de determinados limites fixados de tempo e de lugar, de acordo com uma regra livremente aceita, mas imperiosa, provinda de um fim em si mesma, acompanhada por um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser algo diferente da vida corrente. E, também, como o exercício da liberdade no seio do próprio rigor, como coloca Johan Huizinga (2001).

Esses três aspectos podem servir como ponte na compreensão do universo ritualístico e na transposição de seus elementos para o estudo da construção do corpo subjétil em Dança Brasileira Contemporânea.

CALLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens – A máscara e a vertigem**. Lisboa: Edições Cotovia, 1990.

CASTELO BRANCO, Guilherme. **Foucault em três tempos** in Revista *Mente Cérebro & Filosofia*. Edição n. 6. São Paulo: Duetto editorial, 2007.

CAPOEIRA, Nestor. **Galo já cantou**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1999.

- CARNEIRO, Edson. **Samba de umbigada**. Ministério da Educação e Cultura (Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro) Rio de Janeiro, 1961.
- CARVALHO.J.J. “**O Lugar da Cultura Tradicional na sociedade Moderna**”. In Revista O PERCEVEJO – revista de teatro, crítica e estética. N. 8. Rio de Janeiro: UNRIO, 2000.
- FERRACINI, Renato. **Café com Queijo: Corpos em Criação**. Campinas, SP: [s.n] 2004.
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. São Paulo : Edições Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramalhte. Petrópolis: Editora Vozes, 1987
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIL, José. **Movimento Total**. São Paulo: Iluminuras, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOSBSBAWM, E & RANGER, T. (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra: 1984
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: ed. Perspectiva, 2000.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**, tradução Sônia M. S. Fhurmann. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- LOPES, Ney. **Bantos, Malês e Identidade Negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SILVA, Renata de Lima. **Mandinga da rua: a construção do corpo cênico a partir de elementos da cultura popular urbana**. Campinas, SP:[s.n], 2004.
- TURNER, Victor W. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1974.